



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

#### EFIGÊNIO FERREIRA

Hoje, 19 de setembro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade dá continuidade ao seu projeto de Memória Oral que busca reconstituir a história da Biblioteca sob diferentes ângulos, entrevistando o funcionário Efigênio Ferreira, que trabalhou na instituição desde 1973, tendo atuado em diferentes setores e estando hoje aposentado. Na captação de imagem, Washington Oliveira e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Efigênio Ferreira:** ...então a gente ia para a cidade, ficava lá de sábado para domingo. No domingo voltava para na segunda-feira trabalhar.

**Daisy Perelmutter:** E da casa, o que o senhor lembra? Dessa casa dos seus pais, do cotidiano da sua casa?

**EF:** De lá tem muita coisa que a gente se lembra porque a diversão da gente lá era jogar futebol, nadar naqueles rios, naqueles "riosão", e namorar. Namorico dos rapazinhos de novo era uma coisa com muito respeito... Mas era gostoso, o lugar era pequeno então todo mundo conhece todo mundo, não tem como você querer aprontar que vão saber: "Foi filho do fulano de tal". Então a gente namorava com muito respeito, as pessoas gostavam muito da gente.

**DP:** E como é que o senhor descobriu a vocação para cabeleireiro?

**EF:** Eu descobri porque havia a necessidade de cortar os cabelos dos meus sobrinhos e das colegas da gente, então eu fui pegando a tesoura e disse: “Vou aprender a profissão de cabeleireiro”. Eu peguei a tesoura e comecei a cortar o cabelo deles. E foi nessa época, quando eu comecei a cortar de um e de outro, meu colega falou: “Você está cortando melhor que o pessoal da cidade, os cabeleireiros da cidade, se eu fosse você eu ia tentar ver se aperfeiçoava um pouco mais”. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça e eu falei: “Eu vou”. Aí, quando eu fui para a cidade... Antes, quando eu ia cortar o cabelo, ficava olhando eles cortarem e fui aprendendo cada vez mais. Quando eu fui para a cidade, eu já fui trabalhar no melhor salão que tinha na cidade. Eu tinha conversado com o meu colega e ele disse: “Você quer vir? Eu te arrumo uma vaga...”.

**DP:** Na cidade de...

**EF:** De Bocaiuva, que é minha cidade natal.

**DP:** O senhor atendeu várias pessoas importantes da cidade?

**EF:** Eu fiquei trabalhando, tomando conta de uma cadeira, e tinha um gerentezinho do salão... Eram três cadeiras, então eu fiquei com uma, ele tinha a dele e tinha um outro cabeleireiro. E aí, quando foi um certo tempo lá, ele resolveu montar um salão, e o dono do salão, que era um fazendeiro e que tinha fábrica de bebida, passou a responsabilidade dele para mim. Eu passei a ser o gerente do salão e toquei o salão muito bem. Inclusive tinha um advogado, Dr. Paes – inclusive ele vive lá até hoje, tem um posto de gasolina lá – eu passei a cortar o cabelo e a barba dele. Ele gostou tanto de mim que eu cheguei a cortar até o cabelo da esposa dele. Eu ia à casa dele e cortava o cabelo dele lá porque ele não gostava de sentar na cadeira, então ele chorava muito: “Vê se você corta em casa...”. Eu falava: “Não tem problema”. No domingo eu trabalhava até meio-dia. Meio-dia eu saía do salão e ia na casa dele cortar o cabelo. Ele ficava todo... você precisava ver.

Foi naquela época que eu te falei, quando aconteceu que eu precisei de advogado para defender uma causa minha, aí eu falei para ele e ele me falou: “Não tem problema, você pode passar no meu escritório” – isso foi num sábado – “na



segunda-feira você vem aqui, passa no meu escritório seis horas da manhã que estou lá com a carta já pronta para você levar”. Eu passei lá, a carta já estava pronta e eu levei. Porque tinha alguns parentes lá e foi um fazendeiro que tinha uma fazendinha perto do nosso sítio e queria pegar uma parte do terreno. Então teve esse problema, aí ele mandou uma carta. Falou que já tinha ido o juiz de paz... É até uma pessoa que é casada com a minha prima e queria tomar o terreno para vender para outro fazendeiro, essa é que era a confusão. Aí veio o juiz de paz para medir tudo lá e passar para o outro moço. Foi na hora: eu cheguei com a carta e entreguei na mão do juiz de paz. O juiz de paz leu assim e falou: “Olha, nós vamos parar com isso aqui porque aqui é o seguinte: ou vocês param com a medição ou vai ter que tocar no judiciário”, quer dizer, colocou um breque e não pôde fazer mais nada ali. Aí teve uma discussão com o meu irmão, meu irmão ficou bravo, eu falei: “Não, não adianta fazer isso aí, deixa pra lá, porque nós já estamos com o recurso aqui na mão. Para que brigar?”. Porque esse menino que era casado com uma prima era uma pessoa que não tem muito conhecimento, muito ignorante, sabe? Não tinha paciência de chegar e conversar com as pessoas, dialogar sobre aquilo que está acontecendo. Aí foi que parou por ali e ali ficou e também não teve segmento nenhum porque com aquela carta não deu para medir e nem fazer nada. Então o terreno ficou para mim mesmo. Eu tinha até comprado do meu outro primo, que é o irmão da esposa desse que queria medir. Porque tinha casado com a minha prima, queria pegar a parte para vender para o fazendeiro. Era pegado com a fazenda do fazendeiro e o nosso sítio era assim pegado para cima. E foi assim.

**DP:** E aí o que levou o senhor a sair da cidade? O senhor estava bem, profissionalmente bem colocado, o que o motivou a sair?

**EF:** A saudade da roça.

**DP:** Aí o senhor voltou para a roça?

**EF:** Eu voltei para a roça e fiquei mais um ano. Aí depois eu falei: “Não, eu gostei da cidade, eu vou para a cidade de novo”. Aí voltei para a cidade novamente. Aí já fiquei lá, aí eu conheci a mulher que foi minha esposa, aí nos conhecemos,



firmamos o namoro: foram seis meses de namoro, seis meses noivo e casamos. Daí seis meses o pessoal dela resolveu vir para São Paulo porque os familiares deles tinham muitos filhos aqui, genro que morava aqui. Eles resolveram, venderam tudo o que tinham lá para vir para São Paulo. Até a gente estava noivo e a minha esposa falou para eles: “Vocês estão fazendo isso aí... O que vocês estão querendo comigo, hein? Estou com namoro firme, bem dizer para casar e vocês fazer vão uma coisa dessa, nós irmos para São Paulo?!” Eles responderam para ela: “Vocês continuam a namorar por correspondência”. Aí ela disse: “Não, como eu vou ficar namorando por correspondência? Que tipo de namoro por correspondência? Se eu perder ele, chegando lá em São Paulo vão ter que me dar um igualzinho a ele!”. Quando ela me contou isso eu dei risada, eu não sabia que ela gostava tanto assim, não é? Foi então que eu falei assim: “Se está assim, se eles estão querendo ir embora tão rapidamente, então a gente faz o seguinte...” – eu tinha até comprado um terreno na frente da casa deles que era para construir para a gente morar – eu falei: “Eu deixo tudo o que eu comprei...”. Minha mãe, o pessoal lá era assim... Eu tinha muita vontade de conhecer São Paulo. É aquele negócio que você tem na cabeça e vai chegar uma hora que você tem que realizar aquilo.

**DP:** O senhor já tinha visto fotos da cidade?

**EF:** Não, eu só ouvia falar. Meus sobrinhos mesmo vieram aqui, mas só que eles vieram no lugar errado. Eles foram para o Paraná, para trabalhar na roça, aí não deu certo, apanhou por aqui, quebrou a cara e voltou. Aí chegou lá falando mal. Eu falei: “Mas vocês estavam onde, estavam em São Paulo?”, eu não sabia. “Não, estávamos no Paraná”. “Então vocês foram para um lugar diferente, eu quero é ir para São Paulo”. Aí fiquei na cabeça: eu vou para São Paulo. Aí quando eu falei para a minha mãe uma época: “Mãe, eu vou para São Paulo”. Ela: “Olha, você não me fale nesse negócio de São Paulo porque São Paulo é fim de mundo. Você não me fale nesse negócio de São Paulo porque é o seguinte: eu prefiro que você me veja enfeitada em um caixão com muitas flores do que você falar para mim que vai para São Paulo” - “Então não falo mais nada”. Aí quando eu consegui arrumar essa minha namorada, que eu fiquei noivo e ia casar, então minha mãe ficou doente e veio a falecer. Então a gente ia casar naquele ano, aí foi preciso esperar mais um



ano por causa do falecimento da minha mãe. E o que foi que aconteceu? Aí nós casamos. Eu falei: “Como a minha mãe faleceu, eu tenho vontade de conhecer São Paulo”. E ela falou: “Então nós vamos para São Paulo”. E aí eu pedi um tempo para o meu sogro e para a minha sogra, aí eu fiquei na casa deles seis meses, casado já. E foi aí que viemos para São Paulo.

**DP:** Como foi sua chegada, Efigênio, foi muito difícil?

**EF:** Olha, eu sinceramente não devo ter vergonha de contar o que foi verdade, deveria falar a verdade... Eu cheguei aqui em São Paulo e só tinha minha mulher, não tinha nenhum filho ainda. Só tinha minha esposa, um violão e um saco de roupa, só, eu não tinha mais nada.

**DP:** Você toca violão?

**EF:** Eu tocava muito bem. Lá nos bailes na rocinha se não fosse eu para tocar e os outros colegas para me acompanhar, não tinha baile. Eu tocava muito bem.

**DP:** Então o senhor chegou com o violão...

**EF:** Cheguei com o violão, a esposa e um saco de roupas.

**DP:** E onde o senhor foi morar?

**EF:** Aí eu fui morar em Osasco, a gente foi para a casa de um genro da família, um alemão, que até já faleceu. Ele era uma pessoa que estava muito bem de vida aqui, tinha casas lá e tal. Então a gente já veio certo de ir para casa dele. E a gente foi para lá. Foi dureza... Mas meu objetivo era o seguinte: vou chegar em São Paulo, arrumar um serviço e vou cuidar da minha vida. Chegando aqui – porque eles eram assim, quando eles chegavam aqui e começavam melhorar, vendiam tudo e iam embora. Chegavam lá, melhoravam um pouquinho e voltavam para São Paulo de novo. A minha opinião era diferente, eu me casei e a minha esposa queria me acompanhar, eu falei para ela: “Uma coisa vou dizer para você, eu não vou



acompanhar esse ritmo aí não porque não dá. Nós nos casamos, temos que seguir a nossa vida”. Ela ficou meio assim, porque ela queria acompanhar a família... Aí como ela era muito obediente, então ela me acompanhou. Deus ajudou, porque foi assim: as coisas foram passo a passo, devagarzinho.

Primeiro morei de aluguel, morei dois anos aqui de aluguel. Vi que não dava certo, porque nunca morei de aluguel. Aí com dois anos dei um jeito, trabalhei em uma firma, uma metalúrgica, a metalúrgica me indenizou. Com a indenização, eu já tinha gastado um pouco de dinheiro, mas deu para eu dar entrada em uma casa.

**DP:** Salão de cabeleireiro o senhor nem chegou a procurar aqui em São Paulo?

**EF:** Não, eu trabalhei em São Paulo. Na época que eu trabalhava na metalúrgica eu já trabalhava no salão aos sábados e domingos. Quando o dono do salão não ia, me passava a chave, eu trabalhava e dava a porcentagem dele direitinho. E sempre assim, quando ele falava: “Mineirinho...” – depois ele começou a me apelidar de Mineiro – “Oh, Mineiro, é o seguinte: quando eu não puder vir trabalhar, se você quiser vir trabalhar, você vem”. Eu disse: “Eu vou”, porque eu precisava muito. Eu pagando aluguel e família, aquela coisa, então eu tinha que trabalhar. E era só ele, eu não tinha parente aqui, essas pessoas. Nunca tive parente aqui, só tive parente da parte dela. Eu fiquei trabalhando na metalúrgica e no salãozinho aos sábados. Quando foi um certo tempo a firma foi à falência, mas como eu era uma pessoa muito querida pelos engenheiros, pelo chefão de lá e mesmo pelo pessoal que trabalhava no departamento pessoal, que gostavam muito de mim, porque, tudo o que eles queriam, eu estava ali pronto - serviço que foi muito sofrido ali. Teve uma época que eles colocaram um regime de horário como se fosse o exército.

**DP:** Em que ano que foi que o senhor trabalhou lá?

**EF:** Eu trabalhei lá... deixe-me ver.

**DP:** O senhor começou aqui em 1973, não é?

**EF:** 1973. Isso foi em 1965, de 1966 para 1967.



**DP:** Foi no ano em que o senhor chegou em São Paulo? Ou o senhor chegou em São Paulo antes?

**EF:** Eu cheguei a São Paulo no dia 23 de dezembro de 1966, então isso foi de 1966 para 1968. Eu trabalhei nessa firma dois anos. Esses dois anos estão sendo na verdade agora para a contagem do tempo para a aposentadoria, são dois anos e dois meses, mais ou menos.

Aí a firma foi à falência, mas eles me chamaram lá no escritório e falaram: “Nós vamos pagar os seus direitos”. Teve muitos funcionários não receberam, não. “Eu vou chamar o senhor aqui e vou pagar os direitos do senhor, tudo direitinho, porque o senhor foi uma pessoa muito legal, muito responsável e é o seguinte, eu ainda vou pôr na sua carteira” – e eu tenho a carteira até hoje – “como oficial de solda elétrica”. Está lá na minha carteira: meio oficial de solda elétrica. Porque eu estava ali pedindo para aprender, tudo eu queria aprender. Então eles colocaram um sistema de horário assim: a gente entrava, por exemplo, às três horas de hoje e trabalhava a tarde toda, a noite toda e no outro dia até às três horas. Gente, olha, eu segurando uns tubos para o oleoduto da Petrobrás, aquele negócio que faz a solda, eles tiram até raio-x para ver se não tem nenhuma bolinha na solda, então, tinha que ser uma coisa bem feita. Então a gente segurava ali para o soldador soldar. Eu queria aprender tudo, porque aqui em São Paulo a minha vontade era de trabalhar para conseguir alguma coisa. Porque, como a gente ouvia falar que em São Paulo a gente chegava aqui era só trabalhar que ganhava dinheiro a rodo, então, eu queria trabalhar.

**DP:** A cidade não assustava muito o senhor, uma proporção tão diferente em relação a sua cidade de origem?

**EF:** Não me assustou. A única coisa que eu fiquei meio assustado foi o seguinte: quando eu cheguei aqui, meu cunhado já conhecia aqui, então, eu saía com ele para a gente procurar emprego, e o que é que ele fazia comigo? Ele me levava para mostrar ruas bonitas, prédios bonitos. Eu falei: “Rapaz, eu não quero ver isso, eu



quero é emprego, isso eu vou ver no dia-a-dia, eu vou conhecer tudo. Tenho vontade de conhecer São Paulo, mas eu preciso trabalhar, eu quero é trabalhar”.

**DP:** O senhor lembra dos primeiros lugares que viu? Era no centro da cidade?

**EF:** Era no centro, me parece que era perto da Sé, por ali, sabe? Ele passou ali comigo e mostrou aqueles prédios altos. Eu falei para ele: “Eu preciso é trabalhar, eu quero é trabalhar”. Teve uma época que eu entrava no ônibus para procurar serviço eu não sabia nem o que eu estava fazendo, já desesperado, porque não conseguia emprego, isso em 1964... Não, 1966 e 1967 estava ruim de emprego aqui, estava muito ruim. Aí eu conheci um colega que ia sempre para a minha cidade, que foi até namorado da minha cunhada. Quando eu cheguei aqui, encontrei com ele. Ele trabalhava em um hospital e estava tentando me ajudar a arrumar um emprego, dar umas dicas. Entre Osasco e Carapicuíba tinha uma firminha com o nome Silvio Almeida, me lembro como hoje, ele falou: “Olha, Efigênio, parece que está pegando ajudante lá”. No outro dia fui bem cedinho. Saí, fui e eu cheguei lá: “Estamos precisando de ajudante, sim. Então, vamos fazer o seguinte: vamos fazer uma ficha aí”, fiz a ficha e consegui trabalhar com eles, lá.

**DP:** Isso foi depois da metalúrgica ou foi antes?

**EF:** Não, foi antes. Daí eu fiquei sabendo que o dono dessa firma era um coronel do exército e o Seu Alfredo disse: “Esse moço é ruim...” - “Não tem problema, não. Se eu não me adaptar, tudo bem...”. Naquela época a experiência era de noventa dias e depois você era registrado. Toda a produção que eu dava o encarregado chegava em mim e dizia: “Está pouca a sua produção”. Aí no outro dia eu melhorava, melhorava, chegava à tarde ele dizia: “Precisa melhorar um pouco mais”, e foi naquele jogo assim até completar noventa dias. Quando foi para completar os noventa dias, eles me mandaram embora. Parecia uma exploração: “Eu vou explorar ele noventa dias e não registrar”. Porque tudo o que eu fazia para melhorar não estava bom. Ele me mandou embora e daí eu fiquei desempregado novamente e morando na casa desse moço, lá.





Daqui a pouco, não sei, não estou falando mal, mas a esposa desse alemão falou para ele que precisava cobrar aluguel. Eu morava no quarto de graça, então, tem que pagar aluguel. Naquela época eram 35 cruzeiros que eles estavam cobrando, um negócio mais ou menos assim. Aí eu falei assim: “Engraçado, como eu vou fazer? Está certo, eu não estou fora de pagar, vou tentar pagar, mas estou desempregado”. Até que o alemão era muito bom, ele não queria cobrar. Então eu falei assim: “Então tudo bem, eu vou tentar, se eu arrumar emprego, eu te pago”. Aí ficou naquela, naquela, naquela, eu não arrumava emprego e tal. Quando foi um dia ele falou assim: “Efigênio, você não me deve mais”. Eu falei: “Não, eu quero te pagar”. Ele: “Você não me deve nada”. Eu: “Você espera um pouco que eu vou arrumar serviço e te pago”. Aí, quando eu fui pagar, ele não quis receber, perdoou. A minha vontade era de pagar, porque a nossa dívida com os outros a gente nunca esquece, não é? Aí ele falou assim: “Não, eu não vou te cobrar isso aí, não”. Aí, quando foi que chegou meu outro cunhado que morava no Itaim Paulista, esse lugar onde eu moro agora, falou para mim: “Efigênio, por que você não vai lá para o Itaim, onde eu moro? Lá tem muitas fábricas, tem salão de barbeiro, de cabeleireiro, você pode ingressar em um salão ou entrar em uma firma lá...”.

**DP:** E foi quando o senhor entrou então na metalúrgica?

**EF:** Foi quando entrei nessa metalúrgica. Aí eu vim, comecei a trabalhar de barbeiro e tal, mas, no salãozinho, o movimento era muito fraco, eu não tirava quase nada. E eu já tinha alugado uma casa em frente à casa do meu cunhado. Eu não gosto de aborrecer ninguém, então, eu queria a minha casinha separada. “Eu vou dar um jeito...”. Aí, nessa casa que eu aluguei, tinha um vizinho que trabalhava nessa metalúrgica, ele era até soldador elétrico. Quando foi um dia, ele me falou: “Você está aí, está desempregado, tem família...”. Naquela época eu e minha esposa estávamos esperando o primeiro filho. Aí eu falei: “Estou desempregado, estou mexendo com o salão de barbeiro, mas como barbeiro está muito fraco...”. Ele falou assim: “Lá parece que estão pegando ajudante, você trabalha?”. Eu falei: “Oh, rapaz, arruma para mim!”.

**DP:** Foi aí que o senhor foi para lá...



**EF:** Foi aí que eu fui para lá. Fui lá, fiz todos os exames médicos, fiz todos os testes. Aí, quando foi para passar no exame médico, o médico falou para mim: “O senhor pode trazer a marmitta na segunda-feira porque o senhor está empregado”. Graças a Deus! Aí, na segunda-feira, comecei a trabalhar lá. Trabalhei lá dois anos, em um serviço muito sofrido. A solda elétrica, o pessoal que já tinha malícia – você sabe o negócio da solda elétrica... – se o cara te chamar, se bater aquele eletrodo e acender, ele te queima toda a vista. Tinha dia que eu chegava em casa assim, Tateando para entrar no portão, com a vista vermelha, inchada e ardendo – queimava. Teve época que eu pegava até seguro. Eles faziam por maldade, eles me chamavam: “Oh, Mineiro!”, e soltavam, só para ver a gente sofrer. Então eu fui pegando a malícia.

Quando foi nessa época, que eles mudaram o horário, como eu estava falando, tinha um chefe nosso que era um engenheiro. Tinha dia que a gente estava nesse segundo turno e cochilava na frente dele. Teve um dia que ele falou para mim: “Efigênio, você está dormindo?”. Eu falei: “Olha, doutor, não dá para aguentar, não, nesse horário não dá não”. Eram doze por 36, com um serviço pesado daquele lá.

**DP:** Daí o senhor saiu porque a firma fechou, foi isso?

**EF:** Daí a firma fechou, mandou todo mundo embora.

**DP:** O senhor recebeu a indenização?

**EF:** Peguei a indenização. Ele me pagou certinho. Aí foi que eu peguei... Eu tinha comprado algumas roupas, porque a gente estava precisando de roupa. Depois, com o restante do dinheiro, eu falei para a minha esposa: “Nós precisamos procurar uma casa para comprar, porque já tem dois anos que nós estamos pagando aluguel e esse negócio de aluguel para mim não está certo. Vamos ver se a gente compra uma casinha”. Aí nós saímos procurando, procurando, procurando. E parece que as coisas são tão certas de que tem que ser da gente - você precisa ver o lugar que eu moro! Aquilo lá foi uma bênção. Até eu pensei: vou achar isso, lá perto de Poá, para



aquele lado de lá. Pois eu achei pertinho da Estação do Itaim, você precisa ver que lugar! Às vezes tem algumas pessoas que não gostam, mas eu gosto de lá.

**DP:** O senhor ficou desempregado um tempo até chegar aqui? Como é que foi?

**EF:** Eu não fiquei totalmente desempregado pelo seguinte: quando eu saí da metalúrgica, eu ainda estava trabalhando no salão e aí eu passei a trabalhar no salão, em definitivo. Eu não trabalhava só aos sábados, passei a trabalhar de segunda a domingo.

**DP:** Isso lá no Itaim?

**EF:** Lá no Itaim. Inclusive, nesse salão, eu trabalhei cinco anos e 11 meses.

**DP:** E aí como é que o senhor chegou até a Mário de Andrade?

**EF:** Então, você vai escutando... A história é longa!

**DP:** O senhor é um contador de histórias!

**EF:** Isso é a minha vida, não é?

Então eu fiquei trabalhando no salão. Depois de cinco anos e 11 meses, esse rapaz me estranhou, um dia. A gente trabalhava como se fosse irmãos - todo mundo pensava que a gente era irmãos - brincando o dia todo, sorrindo. E foi a época em que eu ganhei muito dinheiro. A gente trabalhava igual, o trabalho era igual: se chegasse dois fregueses, um sentava em uma cadeira e outro sentava na outra, porque não tinha escolha, o serviço era o mesmo.

**DP:** E atendia o pessoal do bairro?

**EF:** Atendia do bairro. A gente chegava seis e meia para sete horas e já tinha três, quatro pessoas esperando. E no sábado, então, a gente ia almoçar cinco horas da tarde! E ali eu ganhei muito dinheiro e ajudei a melhorar a vida dele - eu melhorei



também. Foi muito bom, ganhei muito dinheiro lá. Aí um dia eu cheguei lá e ele me deu uma resposta que eu nem tenho coragem de falar. Eu tomei aquele susto, falei: “O que foi?”. Aí ele falou para mim: “Sabe de uma coisa, você faz o seguinte: você procura suas providências, porque agora eu te pago 70% e vou pagar você 60%”. Ele se chama João, deve estar lá até hoje. Eu falei: “João, mas você quer fazer uma coisa dessa comigo?! Eu ganho 70%, você quer me pagar 60%? Eu nunca vi salário baixar, tem é que melhorar um pouco mais - você está tirando”. “Ah, eu vou pagar isso aí. Se você não quiser assim, você pode procurar as suas providências”. Falei: “Está bom”. Aí fiquei quieto, fiquei quieto e fiquei pensando no que tinha acontecido - quem sabe ele tinha brigado com a família, alguma coisa aconteceu para ele estar com essa cabeça quente assim. Eu fiquei até a hora do almoço. Quando foi na hora do almoço, eu falei: “João, aquilo que você estava falando é verdade ou você está brincando?”. Ele falou: “É verdade mesmo”. Eu falei: “Então você dá licença”. Depois de cinco anos e 11 meses, as coisas que passam comigo eu não esqueço. Eu tive a coragem e a humildade de falar: “Você dá licença de eu pegar uma folha de jornal para embrulhar as minhas ferramentas que eu vou embora, eu não vou ficar”. E minha esposa estava esperando meu segundo filho, ela estava esperando para ganhar nenê. Eu falei: “Meu Deus, e agora o que é que eu faço?”. Mas aí do outro lado da pracinha - chama Praça Silva Teles, eu acho - tinha outro barbeiro que estava de olho em mim e eu nem sabia. Quando ele me mandou embora, esse Tiãozinho, que é do lado de lá da pracinha, ficou sabendo. Aí ele veio de encontro comigo: “Rapaz, o que você está pensando? Quer trabalhar hoje lá? Vai, vai trabalhar comigo!”. Eu falei: “Não, Tião, vamos fazer o seguinte: hoje não, eu vou para casa descansar e amanhã eu vou para o salão”. No outro dia eu já estava trabalhando com ele. E o que fez esse João aí? Os meus fregueses ficaram indo lá e perguntando, ele falou: “O Mineiro foi embora para Minas, está em Bocaiuva”. Quer dizer, os fregueses falavam: “Ele foi embora, então vou cortar com ele”. Os meus fregueses ficaram com ele. E eu fiquei na minha lá, falei: “Não vou esquentar a cabeça, não”. Depois é que eu fiquei sabendo, pela boca dos próprios fregueses meus. Eles ficaram sabendo que eu estava do outro lado e foram lá: “Mas o João estava mentindo para a gente que você tinha ido para Minas Gerais”. Falei: “Não fui nada, rapaz, estou trabalhando aqui!”.



**DP:** Então, Seu Efigênio, daí como é que o senhor chegou até aqui?

**EF:** Foi desse salão... Eu vou começar o negócio.

As pessoas são diferentes umas das outras. Esse Tiãozinho, eu trabalhava com ele, dava para ele um lucro muito bom também, e ele era uma pessoa muito legal também - até hoje conheço ele lá. Daí surgiu... porque naquela época não era concurso, era exame de seleção para entrar na Prefeitura. Ele ficou sabendo e tinha um político conhecido dele, que me parece que chamava Edson Tomás de Lima, aí ele falou: "A Prefeitura está fazendo exame de seleção, você não quer entrar?". Ele me ajudou, tirando do trabalho, que eu estava ajudando ele, estava no salão dele, para me colocar em um emprego. Vê como a pessoa é tão boa assim? Ele falou: "Eu conheço o Edson Tomás de Lima, vou conversar com ele". Aí conversou com o Edson. Aí o Edson mandou uma carta para a minha casa para eu comparecer aqui na Prestes Maia, no antigo DAMU – o Walter deve ter falado isso aí, não é? – na Avenida Prestes Maia. Mandou eu ir ao terceiro andar entregar uma carta para uma pessoa lá. Fui lá, fiz a ficha e marcou para fazer... Tinha que fazer um teste porque a gente entrou como contínuo porteiro. Você ia fazer um teste assim: em uma garagem, entrada e saída de carro, marcando o motorista, a chapa do carro, acompanhante, horário que saiu, horário que chegou e aquela coisa toda. Eu fiz por três dias esse tipo de coisa... acho que foi em um dia só. Parece que foi um dia das oito às três, um negócio assim. Eu sei que eu fiz. Aí me mandaram para dar a resposta lá no Hospital Municipal, me mandaram para lá. Aí veio a resposta, me mandaram fazer alguns exames. Eu fiz todos os exames, fui... Eu tinha um dente cariado, que é esta prótese aqui, e fui fazer exame de vista. Aí fiz todos os exames e fui reprovado no exame de vista e de dente. Mas eu não sabia... Teve um dia que eu voltei lá, a moça falou: "Você foi reprovado em dente... Então você vai fazer tratamento desse dente rapidinho e o senhor passa". Aí eu fiz o tratamento e eu voltei lá. Minha ficha desceu para o médico e ele esqueceu de assinar. Então nunca me chamavam, nunca me chamavam. Já estava completando um mês mais ou menos, aí eu fui no DAMU. Conversei com um colega e ele disse: "Vai lá no DAMU". Chegando lá, me falaram: "É bom o senhor dar um pulinho no Hospital Municipal porque senão vai perder essa vaga".



**DP:** E era para vir para a Biblioteca?

**EF:** Eu não sabia para onde eu ia, era para entrar na Prefeitura. Eu peguei e fui lá, quando eu cheguei lá, falaram: “Vamos ver lá na mesa do médico”. Chegando na mesa do médico, minhas duas fichas sem assinar. Aí pediram para ele assinar, subiu as fichas e já mandou descer, vir aqui, conversar com a diretora aqui. Eu mesmo já trouxe os documentos para cá.

**DP:** E quem que era a diretora? O senhor lembra o nome dela?

**EF:** Era a dona Noeli do Val Penteadado.

**DP:** Qual foi a impressão que o senhor teve dela?

**EF:** Ela me fez uma pergunta e eu não deixo nenhuma pergunta sem resposta. A primeira coisa que ela me perguntou: “Seu Efigênio, o senhor está querendo emprego ou trabalho?”. Eu pensei, eu falei: “Dona Noeli, o negócio é o seguinte: eu sou uma pessoa que está chegando em São Paulo, estou desempregado, eu quero um trabalho para cuidar de uma família porque eu tenho uma família”. E ela falou: “Então na segunda-feira o senhor pode trazer a marmita”. Foi só assim. Isso foi em uma sexta-feira...

**DP:** E qual foi a impressão que o senhor teve da Biblioteca? O senhor lembra da primeira imagem que teve do prédio?

**EF:** Quando eu cheguei aqui eu falei: “Nossa! Que coisa mais bacana!”. E outra coisa é que o funcionário naquela época... Dizer que você era funcionário e todo mundo: “Você é funcionário?! Que maravilha!”. Depois que foi... Era um respeito tremendo. Eu falei: “Nossa! Eu estou no céu!”

Eu cheguei aqui e me mandaram me apresentar para a Dona Maria José Carvalho, que foi minha primeira chefe – ela parecia alemã, sabe?

**DP:** E qual foi a primeira função que o senhor teve aqui?



**EF:** A minha primeira função foi... Eu entrei como porteiro, depois fui diarista, depois foi passando esses “D.A.s”, coisa assim. O primeiro serviço que eu fiz aqui foi que me deram um balde com água, um paninho e uma escovinha. Aí eu comecei a limpar o 14º andar, número por número de revista e fascículo por fascículo, limpando e colocando tudo em ordem. Aquilo lá para mim foi muito bom porque faz a gente aprender. Você vai aprender a localização e a classificação do material. Então eu trabalhei com isso três meses.

**DP:** E a portaria? Foi antes?

**EF:** Foi depois. Eu trabalhei lá três meses, limpei o 14º andar, a frente e o fundo, o 15º, o 16º, só revistas. Depois me desceram aqui para onde é a retrospectiva hoje. Ali eram só Diários Oficiais do Estado, do Município e Federal, da União. Menina, quando eles falaram: “Agora você vai limpar esses Diários Oficiais”, olha, tinha muito pó. A dedetização aqui era com DDT e eu sei que tinha livro que a gente abria e estava com aquele pó branco. Eu não sabia de nada, que aquilo é um veneno, peguei uma tosse que eu não parava.

**DP:** Não tinha máscara? Não tinha esse tipo de procedimento?

**EF:** Não, não tinha nada. Depois começaram a me dar máscara. Eu fiquei com uma tosse, que todo mundo falava: “Pára com isso aí, rapaz, você vai ficar doente dos pulmões com isso aí!”.

**DP:** Quanto tempo o senhor ficou fazendo isso?

**EF:** Três meses direto e consegui limpar todos os Diários Oficiais, deixei tudo arrumadinho.

**DP:** O senhor tinha uma meta? O senhor tinha que limpar todos eles até uma data “X”? Quer dizer, tinha um chefia que cobrava diariamente do senhor?



**EF:** Não, o problema era o seguinte: eu tinha que fazer aqueles horários, se fossem oito horas, tinha que ser oito horas, mas não era aquele negócio tão corrido, não.

**DP:** E tinham mais pessoas que faziam o mesmo trabalho que o senhor?

**EF:** Não.

**DP:** O senhor era a única pessoa que estava fazendo essa limpeza?

**EF:** Era só eu. Quando eu terminei de fazer esse serviço, tinha um rapaz que fazia serviço externo, ele pegava todas as correspondências da Biblioteca, todos os jornais e todo tipo de revistas e pegava para trazer. Ele fazia esse serviço, mas já estava há um bom tempo. Aí ele passou a trabalhar interno e me colocaram no lugar dele. Eu cheguei a fazer esse serviço dois anos aí, me passaram para o trabalho interno. Eu fiquei trabalhando em periódicos, atendendo o leitor. Antigamente atendia o leitor no andar, a gente pegava o material e trazia até a mesa, ele fazia a pesquisa...

**DP:** Ele já ia para o andar, é isso?

**EF:** Já ia para o andar.

**DP:** Se ele fosse pesquisar, vamos supor, a classe oitocentos, ele subia?

**EF:** Subia...

**DP:** O atendimento não era feito lá embaixo?

**EF:** Não.

**EF:** Aí a gente ficava com ele lá. Atendendo no andar e ficando com ele ali.

**DP:** Tinha alguém lá embaixo que já fazia essa seleção, é isso? Que encaminhava?





**EF:** Já encaminhava ele para lá. Tinha um tipo de um controle, ele mostrava para a gente e a gente já fornecia o material para ele na mesa lá.

**DP:** E como era essa relação com os pesquisadores? Para o senhor foi bacana essa experiência?

**EF:** Muito boa, muito boa, inclusive eu tenho um colega que é jornalista hoje, ele chega aqui e já me procura.

**DP:** Quem que é, Seu Efigênio?

**EF:** Sabe que eu não sei o nome dele... É muito bacana...

**DP:** Então da próxima vez que o senhor encontrar, pede o nome dele para a gente incorporar aqui no projeto.

**EF:** Está bom. Eu esqueci de pegar o nome dele. É aquela amizade, mas eu esqueci de pegar o nome dele...

**DP:** E era mais fácil trabalhar dessa forma? O que o senhor acha? Em vez de centralizar tudo lá embaixo, no atendimento, porque hoje as pessoas não podem subir na torre, não é? Então as pessoas subiam na torre, é isso?

**EF:** Subiam, mas não eram todos não. Aquele que ia, por exemplo, fazer pesquisa no Estado de São Paulo de 1827 até 1900, alguma coisa assim, aí subia, porque é um material muito pesado, e às vezes a pesquisa do leitor era uma pesquisa muito grande que tinha que pesquisar de mês a mês certinho até o fim. Então teria que ser lá, porque, para descer os materiais, depois subir e descer, não dava.

**DP:** E o senhor lembra dos trabalhos – isso é uma curiosidade –, dos temas dos trabalhos dos pesquisadores? Pelo fato de atendê-los, o senhor tem essa



curiosidade de querer saber a pesquisa desenvolvida por cada um deles? O senhor tem esse tipo de memória?

**EF:** Eu lembro de um – inclusive esse material fui eu quem foi atender – que era para fazer um livro do MAC, o MAC não chamava MAC, chamava MAC História, não é isso? Então eu levava esse material, inclusive O Estado de São Paulo. Eu levei carrinhos e mais carrinhos de material aqui pela rua. Eu vou dizer para vocês uma coisa, isso não foi nada escondido, me pagaram um salário a mais do que eu ganhava aqui, documentado, ele falou: “Você vai ganhar um salário a mais de mim”...

**DP:** Mas o material podia sair da Biblioteca?

**EF:** Acompanhado de um funcionário, podia. Inclusive até pouco tempo poderia fazer isso, mas o funcionário tinha que sair acompanhando o leitor, ser responsável pelo material.

**DP:** Isso até quando, Seu Efigênio? O senhor lembra até quando havia esse procedimento?

**EF:** Isso eu não lembro.

**DP:** Porque é bem diferente: hoje não pode nem sair com livro...

**EF:** Mas, olha, era uma coisa bem controlada, porque a gente acompanhava, ficava vendo, devolvia, pegava outro e levava, ficava esperando e devolvia de novo. Era assim, a luta era pesada, mas naquela época eu tinha uma saúde que você precisava ver. Uma saúde boa mesmo.

**DP:** Até hoje!

**EF:** Olha, hoje não sei se é por causa do peso e tanta coisa, eu fiquei desse jeito. É a idade também, não é?



**DP:** Seu Efigênio, falando nas dificuldades, quais o senhor acha que foram as maiores dificuldades que o senhor enfrentou aqui na Biblioteca? Teve períodos mais difíceis ou atividades mais difíceis, ou relações com certas chefias que tenham sido difíceis, relações com colegas?

**EF:** Vou dizer para você uma coisa: sobre colegas e sobre a relação com a direção, eu não tenho nenhuma ponta de agulha para reclamar. Sabe por quê? Porque eu fui... Eu acho que a gente deve ter uma certa inteligência... Às vezes eu via nos colegas aqui, alguns deles... A gente não deve magoar... Se você está trabalhando com uma bibliotecária, você tem que tratar ela bem. Essa bibliotecária pode ser uma diretora amanhã – é o que eu pensava. Toda a vida, todos os diretores e bibliotecários que foram diretores aqui, eu me dei com eles como se fosse... Porque eu já tinha conhecimento, já trabalhava com eles. Como eu era uma pessoa dada com eles, direitinho e tal, eu não tinha dificuldade nenhuma. Conversa com eles normalmente como com qualquer pessoa. Do pessoal daqui... Eu não tenho inimigo nenhum aqui.

Eu sempre falei com todo mundo. Em casa eu sempre falo até hoje: “Estar na Biblioteca e estar em casa é a mesma coisa”, eu me sinto à vontade, eu acho melhor do que na minha casa. É um lugar que eu gostei muito. Parece que eu vim fazer uma coisa que eu gostei aqui.

**DP:** Qual é o motivo prazer de estar aqui? Foi o trabalho que o senhor desenvolveu, a relação com os colegas? O que o senhor acha que propiciou esse bem-estar?

**EF:** Eu acho que a igualdade, porque o ser humano tem aquele negócio: ele achou uma coisa que preenche aquilo que ele gosta, e não tem nada mais difícil. Eu, por exemplo, sou assim. Achei a igualdade, o pessoal nunca teve diferença comigo aqui, me trataram conforme eu mereço, esse tipo de coisa. Eu nunca tive... Se teve alguma diferença com alguém, são pessoas que você fala assim: “Esse deve ser um coitado, gente que tem um certo conhecimento não faria o que ele fez”. Então para esse tipo de coisa não dá muita confiança, porque você tem o seu conhecimento, você fala: “Isso aí. deixa pra lá!”



**DP:** O senhor acha que as mudanças – como é uma instituição pública, sempre sujeita às mudanças de prefeito, de administração – o senhor acha que no dia-a-dia dos funcionários essas mudanças eram sentidas ou não? O senhor está aqui desde 1973, vários diretores já passaram, vários secretários de cultura já passaram, o senhor acha que esse tipo de mudança é ressentida no dia-a-dia, no funcionamento da Biblioteca ou o senhor acha que não interfere?

**EF:** Até outro dia eu estava falando que aqui, que não é só a Biblioteca, mas tem muitos órgãos públicos e entidades que existem que tem que ter um certo apoio, aplicar bem para que aquela entidade possa apresentar aquilo que ela tem de bom para o público. Às vezes tem algumas coisas que emperra e fica aí - ela tem o que oferecer e não pode oferecer. Eu acho que, com a pequena boa vontade de alguém que possa... Porque isso de falar em dinheiro, eu acho que o dinheiro da Prefeitura é para aplicar para a Prefeitura... Então vamos melhorar esse tipo de coisa, só que, falou em política, o negócio já fica meio complicado... Pelo o que você vê que o momento... Eu sempre falo que o nosso país é um país rico, só que – me perdoe falar – mal administrado. Eu acho que, se fosse levar tudo na ponta da caneta, tudo direitinho, tudo bonitinho, com respeito, com responsabilidade e consideração, o dinheiro aqui sobrava, no Brasil sobrava. Isso não sou eu que estou falando, porque todo mundo vê isso, o nosso dinheiro, as nossas condições estão na mão de uma minoria que só fica fazendo um circulozinho pequeno. Tem tantas pessoas precisando, e os nossos recursos na mão de uma minoria. E uma biblioteca desta aqui que é um grande valor – e eu nem pensava que uma biblioteca tivesse tanto valor como ela tem, porque eu não conhecia – esta biblioteca tem para oferecer para esses estudantes, para esse pessoal que vive vindo aqui buscar e às vezes tem muitas coisas que estão precisando para oferecer para o público.

**DP:** O senhor sente uma mudança de público muito grande desde que o senhor está aqui? A redução do público, mudança de perfil, antes vinham mais estudantes universitários e hoje vem mais jovens do segundo grau? Como o senhor vê ao longo desses trinta anos a frequência da Biblioteca?



**EF:** Antigamente era mais, mas tem um porém: hoje nós temos 63 bibliotecas espalhadas por São Paulo, então a evasão do pessoal da Biblioteca foi justamente por causa disso. Começou com o Centro Cultural, depois vieram essas 63 bibliotecas – 62, tirando o Centro Cultural – então o pessoal que mora nos bairros, se tem uma biblioteca e pode ser atendido lá, não vai vir aqui na cidade. E depois, tem outra: o movimento antes aqui – eu trabalhei na portaria como encarregado, tinha dia que eu fazia a anotação da catraca e dava 1850 pessoas nesta Biblioteca.

**DP:** Funcionava então das oito até a meia-noite, é isso, Seu Efigênio?

**EF:** Ela ia até meia-noite. Teve uma época que nós trabalhávamos no domingo das nove até às três horas. Era um movimento nesta Biblioteca, que se você entrava aqui, estava escuro de gente. Eu trabalhei na portaria, tinha dia, não, todos os dias eu ia almoçar cinco horas da tarde. Tinha dia que, do jeito que eu trazia a marmita, eu voltava com ela.

**DP:** E a sua jornada de trabalho era de oito horas? O senhor ficava mais?

**EF:** Eram oito horas, só que o meu período era o da tarde. Eu era o encarregado da portaria.

**DP:** E era tranquilo sair – porque a Biblioteca fechava muito tarde e o centro da cidade hoje é tão perigoso, tão complicado – como que era naquele momento, as pessoas saíam tranquilamente, enfim, em volta da Biblioteca era uma região segura?

**EF:** Acontecia alguma coisa, porque sempre aconteceu, mas era um pouco mais sossegado do que hoje. Hoje o pessoal está – como se diz? – muito à vontade para fazer as coisas. Eles acham que têm que conseguir, nem que seja na marra, de qualquer jeito, mas naquela época, não. Eu, por exemplo, ninguém nunca me... Eu vejo o pessoal gritar, fazer, comigo não, graças a Deus, até hoje não. Acontecia, mas muito menos do que hoje, não tinha essa meninada do jeito que está aí, não.



**DP:** Seu Efigênio, o senhor falou sobre a criação do Centro Cultural... A gente sabe, lendo e entrando um pouco na história da Biblioteca, que a criação do Centro Cultural foi um marco negativo, porque desde então parte do acervo foi para lá, parte do público acabou se deslocando para o Centro Cultural. Queria que o senhor falasse um pouco do ponto de vista dos funcionários como que vocês sentiram esse momento, se foi um momento difícil, se houve uma reorganização interna, porque ela perdeu um pouco da sua importância no momento em que o Centro Cultural passou também a ocupar esse mesmo espaço.

**EF:** O material que foi retirado daqui, ele foi retirado, mas para ser atendido em outro lugar, só ficou mais difícil porque o leitor tem que se locomover até lá. Por exemplo, tem os nossos Estados de São Paulo antigos que hoje está aqui até 1891, os exemplares anteriores estão na Avenida João Dias, na Biblioteca Presidente Kennedy. O que foi para o Centro Cultural, o pessoal está sendo atendido lá por esse material. Só que aqui teve uma renovação de livros novos que foram comprados, tirou uma coisa, mas repôs outra coisa mais recente. Eu acho que pelo movimento também, não teve tanta diferença assim. O pessoal está sendo atendido a mesma coisa, só deixou de ser atendido aquele material que já não está na Biblioteca, mas está em outra biblioteca e pode ser atendido.

**DP:** Seu Efigênio, teve outro momento também importante que foi quando os funcionários da Saúde passaram a vir para cá; foram os funcionários que não aderiram ao PAS e que vieram para cá, o senhor lembra se foi muito difícil essa adaptação dos funcionários com os antigos funcionários da casa, se teve algum tipo de incidente em relação a essa convivência?

**EF:** Não, não foi não. Eu achei até que este pessoal é muito bacana.

**DP:** Eles estão na torre, isso?

**EF:** Eles estão na torre. Eles se adaptaram muito bem e não houve diferença nenhuma com a gente... foi pelo contrário: Eu mesmo, não vou falar tanto... Eu fui como se fosse um professor para eles...



**DP:** Ah, que bacana!

**EF:** Eu trabalhava no oitavo andar e sempre as pessoas mandavam... Tem uma pessoa que tem que ensinar, passar o serviço para eles. Então eu trabalhava no oitavo andar, lá tem a relativa, a fixa, tem várias localizações de livros. Então às vezes tinha dia que iam duas, três, quatro cabras para eu ensinar. Só que, quando eu ensino a pessoa, eu não gosto de falar, só falar com a pessoa, eu gosto de ver a pessoa colocar a mão na massa. Então eu falava o seguinte: “Chegou o pedido aqui. Vamos pegar?” - “Vamos”. Aí, colocava ela lá e ia comigo, ela mesma pegava. Elas aprendiam rapidinho. Até hoje tem moça que fala: “O Seu Efigênio ensina tão direitinho que eu aprendi tão fácil!”. Eu ensino assim, porque aquele negócio de você falar com a pessoa, a pessoa esquece, não é?

**DP:** Vai dar uma paradinha. O senhor vai beber uma aguinha porque o senhor é um contador de histórias maravilhoso!

**DP:** Seu Efigênio, a gente gostaria que o senhor falasse um pouco quais foram os momentos mais difíceis e também mais felizes vividos aqui na instituição. A gente sabe a respeito do incêndio, que o senhor conseguiu barrar um incêndio imenso e depois o senhor teve um reconhecimento público. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco desse episódio.

**EF:** Mais difícil que eu achei, que levei um susto muito grande foi esse começo de incêndio. Não foi nem um incêndio porque, quando eu cheguei no fundo do andar, eu vi que o fogo já estava começando a chegar no teto do andar, ele não chegou a se propagar totalmente porque, com o material que estava ali, se fosse propagado, não tinha como apagar não, não ia ter como, mesmo. Eram Diários Oficiais em brochura, muito calor e estava seco, o material estava completamente muito seco. Então ia pegar e só o bombeiro, ia fazer um estrago muito grande. Estava começando um incendiozinho ali, mas já estava um fogo bem alto, estava a mais ou menos uns três a quatro metros de altura. Aí, quando eu me deparei com aquele episódio, eu fiquei sem saber nem o que fazer. A única coisa que eu fiz foi descer a



escadaria e descer gritando, e o Juvelino – esse que está no documentário aí - que estava substituindo a chefe do 14º andar, ouviu e foi de encontro comigo. Quando ele chegou onde eu estava, a gente entrou até o fundo do andar e o fogo estava crescendo cada vez mais. Aí eu falei: “Vamos pegar o extintor!”. Ele correu para pegar o extintor, pegou e trouxe correndo. Quando ele acionou o extintor, o extintor só pingou, estava com defeito! Aí, não deu, jogou o extintor para lá e nós começamos a pegar... O desespero nosso foi tanto que a gente começou a pegar aqueles pacotes de jornal e jogar no chão e ir pisando em cima, pisando, pisando e apagando, e jogando os pacotes que não estavam acesos em cima e apagando e apagando e nessas alturas, o pessoal já tinha chamado os bombeiros. A gente ouviu os barulhos da sirene e daqui a pouco o bombeiro subiu lá. Mas, quando eles subiram lá, já estava no fim, praticamente no fim do fogo. A gente inclusive se queimou, o Juvelino queimou a pernas e eu também queimei os pés. A gente naquele desespero até não estava sentindo nada disso, a gente queria vencer aquela coisa feia que estava acontecendo. Aí, quando os bombeiros chegaram: “Foi aqui, tal, tal...”, jogou um pouco de água ali e falou: “Mas já está tudo certo, vocês praticamente já conseguiram vencer o fogo”. Então isso para a gente foi uma satisfação muito grande. Eles até falaram: “Vocês não vão falar alguma coisa aqui?”. O Juvelino não quis falar e fui eu que falei, saiu até na televisão. Teve um pessoal lá na minha cidade que me ouviu falar na televisão no momento de desespero. Eu não sabia nem o que falar, só sei que eu falei com eles alguma coisa lá. O Juvelino falou: “Fala, porque eu não vou falar, não”.

**DP:** Em que ano que foi?

**EF:** Foi em 1992.

**DP:** Eu gostaria que o senhor lesse a carta que recebeu da secretária Marilena Chauí, agradecendo pela sua iniciativa.

**EF:** Primeiro eu recebi uma carta da Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura : “Aos funcionários da BMA, Sr. Efigênio Ferreira de Oliveira e Sr. Juvelino José Duarte. Em nome da SMC e da cidade agradecemos a





ação pronta e corajosa dos funcionários Efigênio Ferreira de Oliveira e Juvelino José Duarte que impediram que se alastrasse fogo e que um incêndio pudesse destruir um dos mais importantes acervos do Brasil mantido pela Biblioteca Mário de Andrade. Marilena de Souza Chauí, Secretaria Municipal de Cultura”. E está assinado por ela aqui. E tem aqui a xerox do Diário Oficial porque foi publicado o acontecido.

**DP:** E você recebeu também da diretora da biblioteca?

**EF:** E também recebi da diretora geral das Bibliotecas Públicas de São Paulo: “Prefeitura do Município de São Paulo - Departamento de Bibliotecas Públicas. São Paulo, 5 de junho de 1992. Ofício número 144-92 PF Gabinete. Senhor Efigênio, o Departamento de Bibliotecas Públicas vem corroborar os termos de agradecimentos públicos à vossa senhoria levada a efeito em data de 3 de junho de 1992 pela senhora secretária municipal de Cultura cuja cópia segue em anexo, pela coragem, presteza e propriedade das ações de vossa senhoria quando do incêndio ocorrido na Biblioteca Mário de Andrade que evitaram a propagação do mesmo demonstrando o carinho e a responsabilidade para com os livros e o patrimônio público. Isaura de Oliveira Santos, diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas”.

**DP:** E todos os funcionários souberam, enfim, tomaram conhecimento de que o senhor e o Seu Juvelino tiveram essa...

**EF:** Ah, sim. Até o pessoal veio dar os parabéns, outros inventaram algumas besteiras, sabe?

**DP:** E o que eram as besteiras? Era gente que ficou meio incomodada com a sua atitude, com o fato do senhor ser reconhecido?

**EF:** Sabe o que é: a gente não pode fazer nada de bom que acha... Teve gente que... Eu fiquei muito... Deus ajuda a gente na hora que a gente precisa, viu?



Porque eu achava que nós tínhamos que vencer aquilo lá e o fogo não estava muito baixo, não sei que coragem a gente teve, não sei.

**DP:** Incrível essa história...

**EF:** A japonesa, o pessoal veio aí e fui para mostrar lá. Eu acho que no mesmo dia eles vieram aqui. Eu fiquei em um pânico que fiquei quase louco.

**DP:** Aí o senhor tirou alguns dias, o senhor teve alguma licença médica?

**EF:** Eu não me lembro, eu acho que não. Eu pensava assim: “Meu Deus! quem teve coragem de fazer uma coisa dessas, acabar com uma coisa tão valiosa dessa?” – eu gritava assim. Não é verdade? A gente não fica... Quando eu entrei aqui, para mim eu tinha que conservar tudo: “Meu Deus, eu tenho que fazer tudo muito bem feito porque isso é da Biblioteca Mário de Andrade”, aquela coisa e ver aquilo lá, preservar tudo.

**DP:** O senhor sempre teve esse sentimento forte assim, valorizando...?

**EF:** Sim, pode perguntar por aí: “O seu Efigênio gosta de trabalhar aqui?”, pode perguntar.

**DP:** Então, Seu Efigênio, assim: agora que o senhor está em vias de se aposentar, como o senhor espera ser lembrado quando se afastar da instituição, se é pela responsabilidade, se é pela pontualidade, pela solidariedade aos colegas, por esse compromisso com o acervo público, quais que são as características que o senhor considera mais importantes para o senhor que dão um certo singularismo, que o particularizam aqui dentro?

**EF:** Eu penso assim: já foram muitas pessoas, embora aposentadas, que já morreram. A gente só observa a pessoa quando está todo mundo junto, sempre vai esquecer. Mas eu tenho certeza que, quando eles se lembrarem de mim, eu acho que jamais vão ter alguma coisa que se queixar de mim porque, pelo meu modo de



pensar, eu nunca passei por cima de ninguém aqui, eu nunca desrespeitei ninguém, eu nunca... Tive sempre consideração com todo mundo, muita responsabilidade. Eu acho que o que um trabalhador, o que uma pessoa tinha que fazer, eu fiz, de uma pessoa honesta, eu fiz – eu até estou falando isso aqui com muita convicção, com muita certeza porque é aquilo que está dentro de mim. Vou repetir novamente: não tenho o que reclamar de ninguém. Vou sair...

**DP:** O senhor quer uma aguinha?

**EF:** Porque eu não tenho mesmo o que me queixar de ninguém...

**DP:** O que o senhor acha que vai sentir mais falta: da relação das pessoas, de justamente ser um servidor público tão comprometido com o seu público? O senhor realmente se revela ser uma pessoa com esse sentimento forte em relação ao que é zelar por um patrimônio público, eu não acho que é uma característica tão comum, Seu Efigênio...

**EF:** Sabe o que é isso?! É o ser humano que eu sou.

**DP:** Seus filhos costumam vir aqui, eles frequentaram a Biblioteca, eles sabem do trabalho que o senhor desenvolveu ao longo desses trinta anos?

**EF:** Eles sabem, mas acontece que nós somos uma família assim: o meu filho trabalha por aqui e eu nunca fui onde ele trabalha, a gente respeita um ao outro, mas tem aquele negócio, a gente tem medo de atrapalhar alguma coisa, a gente tem esse tipo de coisa. Eles sabem o que faço e sabem que está tudo bem...

**DP:** O senhor quer dar uma paradinha?

**EF:** Ela me convidou para ser encarregado na portaria e eu falei: “Eu sou uma pessoa assim bem reservada com as coisas”. Eu fui falar com ela: “Eu, Lúcia...”. Foi o primeiro cargo que eles me deram, um cargo simples, que não ia ganhar tanto. Se você ver a prova que eu fui aqui da Biblioteca... Eu não ia ganhar tanto, mas eu



peguei justamente pelo prazer de fazer. Eu falava para ela, eu conversava muito com ela, e ela sempre falava para o pessoal aí, até teve um aí que eu não vou citar o nome... Ela sempre falava, eu até ficava meio constrangido porque ela falava assim: “Esse é o melhor funcionário que eu tenho nesta Biblioteca!”. Acho que ficava meio... porque tem outros funcionários muito bons, não é só eu. Então ela falava isso e aí ela me convidou para ser encarregado da portaria. Ela falou: “O cargo que está lá é do senhor”. Eu falei: “Oh, Lúcia, é o seguinte: eu vou para a minha casa, vou comunicar isso para os meus filhos para ver o que eles acham. Cheguei lá, fiz uma reuniãozinha com eles, aí falei, teve um deles que falou assim: “Oh, pai, faz assim: o senhor pega, isso não é um prego” – ele falou assim – “o senhor pega e se não der certo, o senhor fala que não está se adaptando e entrega de novo, isso não vai atrapalhar o senhor”. Foi ele que me deu uma força para eu dar a resposta no outro dia para ela.

**DP:** Então foi o momento em que o senhor foi fazer atendimento?

**EF:** Aí ela falou: “Seu Efigênio, mas o senhor não está lá embaixo como encarregado?. Aí eu falei: “Oh, Lúcia, eu conversei com os meus meninos e eles me deram uma força lá e eu vou ficar lá”. Ela disse: “O cargo é do senhor, o senhor vai ficar lá sim”. Aí fiquei, comecei a trabalhar. Menina, eu atendia a portaria, essa sala e todo mundo aí. Ela ficava ali onde ficam os computadores, não tem os fichários na entrada do salão? Ela ficava me olhando. Teve funcionário que veio falar: “Esse é o encarregado de conversa é esse aí”. Eu sou muito falante mesmo, é igual vocês estão vendo aí, eu falo mesmo, eu converso com qualquer pessoa que chegar em mim, eu converso.

**DP:** E os problemas todos que o senhor foi identificando ao longo do seu trabalho, o senhor colocou para as suas chefias?

**EF:** Passava.

**DP:** O senhor nunca se privou disso?



**EF:** Teve um funcionário aí que estava me dando um trabalho, eu falei: “Eu não posso confiar em uma pessoa”. Eu pego a portaria, onde tem material, tem documentação importante, cartão de crédito, cheques, tudo. Aí eu deixava o rapaz tomando conta lá e eu precisava estar fazendo relatório, fazendo o meu trabalho porque tinha o meu trabalho como encarregado, e daqui a pouco um funcionário, um colega chegava lá: “O rapaz deixou a portaria sozinha” - “Onde é que ele está?” “Está lá no meio da rua, olhando para os prédios lá”. Aí descia correndo e falava: “Oh, fulano, eu deixei você aí, não pode deixar isso aqui sozinho, tem bens dos outros aí, não pode ser assim não, pelo amor de Deus!”. Aí ele diz: “Não, seu Efigênio, pode deixar”. Aí foi indo, foi indo, quando deu duas, três vezes, aí quando chegou na terceira vez eu cheguei na diretora: “Vocês vão me fazer um favor, esse menino não serve para trabalhar comigo não”. Elas falaram: “Ah, Efigênio...”. Eu falei: “Então vamos fazer o seguinte, eu peguei aqui a cópia daquele documentinho que põe a pessoa à disposição. Se vocês não fizerem alguma coisa, então dá licença que eu vou fazer por minha conta, vou por ele à disposição e a Prefeitura vê o que pode fazer com ele porque para mim não serve. Uma pessoa que está deixando as coisas sozinhas. E se some, quem vai ser o responsável? Não vai ser eu? Então eu não quero”. No outro dia, ela já fez o ofício e já mandou o cara embora. “Aí, agora está bom. Se vocês puderem arrumar outro, muito bem, se não puderem, eu vou me desdobrar aí e a gente sai...”, é igual a time de futebol, sai um e fica 11, então os outros vão ter que se desdobrar para cobrir o lugar do outro, então é assim que eu fiz. Mandou ele embora, daí ficou legal, ficou bom porque eu não tinha mais preocupação com ele. Além de ter preocupação no serviço, vou ter preocupação com ele? Teve um dia aí, menina, que veio uma funcionária da Câmara, isso era mais ou menos umas seis e meia para sete horas – eu cuidava de mim e ainda cuidava dos outros, a menina falou assim: “Eu vou fazer uma pesquisa aí...” – menina não, já era uma moça de uma boa idade – “O senhor pode guardar isso aí para mim?”. Ela estava com um pacote assim tipo um pacote de pão, até no papel de saco de pão. Eu falei: “Guardo, não tem problema não”. Naquela época se pegava o documento, pegava a identidade e colocava junto lá. Ela falou: “Isso não é coisa demais não...” – e ela ali na fila da entrada, começou a pegar pacote de cinquenta e de cem e jogar no braço assim – “eu dou para o senhor guardar...”. “Menina, pelo amor de Deus, pára, pára, pára!” e o pessoal todo ficou olhando e aí

ela me deu aquele pacote lá, eu falei: “Tudo bem, guarda de novo, põe no pacote e deixa aí”. Coloquei ali, você acredita que daquela hora que ela colocou até a hora dela sair, eu não saí da portaria, fiquei só ali, porque você sabe como é. Aí quando ela veio e pegou o pacote dela, eu falei: “Escuta, você confere aí direitinho para ver como é que está. E outra: você não tem medo de sair com esses trombadinhas por aí, não tem medo disso não?”. Ela falou: “Não, meu marido está do outro lado, no carro ali”. Por que ela não deixou com o marido dela, não é? Você vê a responsabilidade que a gente tinha. Policial entrava aí e deixava a bolsa com revólver, pistola. Quer dizer, como é que você pode deixar a portaria sozinha? Não pode. Eu trabalhei lá cinco anos e sete meses, eu só saí de lá por causa dessa perna minha porque eu não estava mais aguentando abaixar para pegar. Aí eu falei para a outra diretora que estava aí: “Infelizmente eu não estou podendo ficar mais na portaria, você me arruma outro lugar aí porque eu não estou aguentando mais”.

**DP:** O senhor foi para o xerox, não?

**EF:** Aí me voltaram para periódicos, na torre.

**DP:** O senhor pegava o trabalho de fazer a seleção, não é? De pegar e dar para o usuário...

**EF:** Isso. É pegar pedido, mandar. Aí quando foi um certo tempo essa Fátima – você conhece a Fátima? Aquela que trabalha nos periódicos, uma branquinha.

**DP:** Não.

**EF:** Ela estava como diretora aí, daí ela falou: “Seu Efigênio, tem um negocinho para o senhor aí”. Eu falei: “O que é?”. Ela falou: “É para o senhor, é um dinheirinho e todo dinheirinho que entra é bom”. “Fala o que é que é” - “Para o senhor entrar como agente de arrecadação”. Eu falei: “Fátima, não gosto de mexer com negócio de valor dos outros, dinheiro” - “Não, Seu Efigênio, pode entrar sossegado porque não vai dar problema nenhum”. Porque o meu medo é o seguinte: quando você assume a responsabilidade de alguma coisa, você tem que dar conta, tem que tomar e dar



conta. Então, o meu objetivo e a minha situação é essa. Ela falou: “Não, Seu Efigênio, pode pegar, não tem problema não. O senhor pode ficar sossegado que não vai dar problema nenhum. É do senhor, o senhor pegar ou largar”. Eu pensei assim... E outra: lá tinha bastante agente arrecadador, eu não vou ser, ser um a mais, eu vou ficar no meio deles ali e fazer o serviço. Acabou e o que aconteceu, eu vou chegar no ponto agora: um aposenta, o outro sai, o outro não quer mais, o outro ficou doente, a outra aposentou, a última!

**DP:** E o senhor ficou sozinho...

**EF:** Aí vem uma lei que extingue o cargo. E só tem eu que tinha esse cargo que é o FG28, agente arrecadador, agente encarregado arrecadador. Aí eu fiquei e o que é que tinha que fazer agora? Eu tenho que segurar, é responsabilidade, não é muita coisa para dizer “esse mundo de coisa”, mas é responsabilidade, é um valor que não é meu, é um valor que é da Prefeitura. Então esse funcionário tem que... Não que queria dar um de bom, mas eu acho que o funcionário tem que ter essa responsabilidade de cuidar direitinho, trazer sem dor de cabeça porque é bom até para a gente que toma conta. Então eu não estou fazendo isso para mostrar para ninguém, eu estou fazendo pela minha responsabilidade que eu tenho. Eu até fiz questão, não vou abonar, já estou para aposentar mesmo, não vou faltar, vou mostrar presença sempre ali, não é? Os meninos, os colegas que são de confiança que fique lá quando eu vou ao banco, quando vou fazer os outros serviços internos aí, ficar uns minutos, meia hora, que seja uma hora. Tem alguns que ficam aí. Agora eles estão querendo mais alguns outros aí porque eu também futuramente vou aposentar e é aquele negócio: não tem ninguém para substituir. Ninguém é melhor do que ninguém, só que as pessoas se diferenciam no modo de pensar, no modo de agir, só se diferencia nesse tipo, mas que tem gente insubstituível não tem, sempre tem um que substitui o outro. Não pode querer ser tão melhor que o outro, não é?

**DP:** Seu Efigênio, em relação a todas essas atividades que o senhor desempenhou aqui, em qual delas o senhor se sentiu mais gratificado, sentiu mais prazer em desempenhar? Foi na portaria, no atendimento, na limpeza, nos periódicos?



**EF:** eu acredito que a mais sofrida para mim foi uma... Mas eu sofri e não senti, foi na portaria, sabe por quê? Porque eu toda vida lidei com o público e para mim é uma satisfação quando eu posso atender uma pessoa, é uma satisfação muito grande. Então para mim foi... Eu não gosto de ficar encostado, assim, isolado.

**DP:** E agora o senhor não está muito escondidinho lá no xerox?

**EF:** Eu até estava lá fazendo o meu trabalho e ajuda lá atender, agora eu passei, acho que eles me colocaram assim meio... por causa da minha perna, eu entendo isso. Então eu fico lá, assim, mas eu sinto falta de atender o público, eu gosto de estar conversando, né? Então, quando eu trabalhei na portaria, nossa! Porque ali você atende da pessoa aí da praça ao juiz, então você aprende muito, é uma maravilha. E eu, tudo o que eu sei, tudo o que eu consegui, foi por intermédio de outras pessoas, eu aprendi muito com as outras pessoas. Eu já vi de... você sabe, cabeleireiro tem que ser muito falante, ele tem que ser uma pessoa aberta para ele fazer a sua freguesia, então você se acostuma com aquele tipo de coisa, aquele círculo de amizade, os caras contam piada e não sei o que, então você faz um círculo de conhecimento e de aprendizado que você sente falta.

**DP:** O senhor falou de coisas engraçadas, eu gostaria que o senhor tentasse se lembrar de algumas situações que foram assim curiosas, cômicas, que o senhor lembra de ter acontecido aqui na Biblioteca, que tenha envolvido os funcionários, ou alguma festa, alguma situação do dia-a-dia que tenha marcado o senhor, pelo humor, pelo o inusitado...

**EF:** Todas as festas que aconteceram aqui nós ficamos muito alegres, mas teve uma que marcou por um motivo que... Tinha um colega que tinha uma gráfica e ele se aposentou e no ano seguinte, no natal, ele fez a festa por conta dele, teve dois barris de chope naquela sala do café da manhã. Aquela festa ele fez com gosto que você precisa ver. Então todo mundo ficou contente por ele se aposentar e por ele oferecer aquela festa lá por conta dele, ele fez um negócio que você precisa ver...

**DP:** Quando foi, o senhor lembra?





**EF:** Olha, não me lembro, não me lembro, muitos anos atrás.

**DP:** E situações esquisitas que o senhor tenha vivido aqui, usuários estranhos, porque tem várias lendas que envolvem a Mário de Andrade...

**EF:** Tem uma aí que eu tenho para falar. Quando eu trabalhava na portaria tinha uma turminha que vinha aqui e que parecia que eles não vinham para pesquisar, eles vinham para roubar. Foi uma época em que sumiu muita bolsa aí na portaria. Os caras trocavam, não sei o que eles faziam, eles acompanhavam o leitor aqui dentro e chegava lá com o crachá do cara, você ia falar o quê? Quem era o funcionário lá? “Dá as minhas coisas”. Você dava. Teve um tempo... porque aquele negócio de pegar documento não é por lei pegar documento de ninguém, tinha um controle de outra maneira.

**DP:** Como é feito hoje?

**EF:** Hoje é um controle por escrito, põe o número da identidade da pessoa no papel. Então, o cara chegava lá com o crachá: “Me dá o meu material”. Você dava. Aí era de outro. Eles vinham atrás da pessoa e trocavam o crachá dentro da Biblioteca. Quem pode evitar uma coisa dessas?

**DP:** Essa questão da segurança sempre foi uma questão complicada, não é senhor Efigênio, porque tem um número de furtos, de livros extraviados muito grande, sempre teve...

**EF:** Agora, por exemplo, a segurança aqui está legal.

**DP:** Já foi mais complicado?

**EF:** É, já foi. Porque às vezes tem um certo estranhamento durante um certo tempo, que às vezes fica meio fraco e o pessoal aproveita. Você sabe que esse pessoal



vive disso. Eles ficam sempre reparando uma válvula de escape para eles se infiltrarem, mas agora, há muito tempo, não acontece mais isso não.

**DP:** Seu Efigênio, 92 foi o ano da reforma do prédio, foi um ano em que a Biblioteca ficou fechada, durante esse tempo todos os funcionários foram deslocados para outras instituições, onde você esteve?

**EF:** Então, por incrível que pareça, aqui foi escolhido eu, o Marcos, que era chefe do departamento pessoal e mais dois bibliotecários de apoio para ficar aqui.

**DP:** O senhor ficou.

**EF:** Fiquei aqui o tempo todo.

**DP:** Então nem no ano em que todo mundo saiu o senhor ficou aqui de guardião.

**EF:** Dois anos.

**DP:** E como que foi?

**EF:** A gente ficava com as chaves, a hora que alguém precisava abrir alguma coisa a gente... E, quando o Marcos não estava, eu que tinha que ficar; quando eu não estava o Marcos ficava, mas sempre nós estávamos os dois. Às vezes, quando ele precisava faltar ou de domingo que ele não podia, eu vinha. Então era assim, quando precisava abrir algum lugar, pessoal precisava fazer a mudança dali para lá, aí eu ia lá e abria, entendeu?

**DP:** E não foi esquisito a Biblioteca fechada, sem usuário, sem essa relação com o público? Porque não tinha previsão de quando ia acabar. Vocês tinham...

**EF:** Não, acho que tinha uma data certa para entregar, tinha uma data de entrega, tinha que ser dentro de dois anos parece.



**DP:** Isso não gerou muita insegurança por parte dos funcionários, o fato dessa suspensão das atividades?

**EF:** Não, porque os funcionários foram divididos em bibliotecas, mas para retornar, eles sabiam que era para retornar, não tinha jeito de ninguém falar assim: “eu quero ficar”. Era para retornar. E foi feito assim, a maioria de todos os que saíram, voltaram para cá, a não ser alguns que: “Ah, eu quero ficar”. Aí tinha que negociar. Então, mas aí aqui o que eles puderam fazer de melhor para não acontecer nada de errado eles fizeram, só que não tem lugar que dê para trabalhar nota 10 sempre, não tem lugar nenhum.

**DP:** Quais os problemas que você vê hoje na Biblioteca, o senhor que tem essa memória, porque a biblioteca teve momentos mais prósperos, momentos de um público maior, onde as condições físicas do prédio estavam melhores, o que o senhor idealiza para que ela consiga atender adequadamente o seu público?

**EF:** O problema da Biblioteca, eu acredito que pelo projeto, pelo que estão pleiteando aí para a Biblioteca eu acho que é bem viável, porque a Biblioteca precisa mesmo de um assim, de uma mudança assim para a máquina movimentar mais seque, com mais interesse, aquela coisa assim e que chame mais atenção do público. “Olha, agora está bom, então eu vou lá”. Então, eu acho que o projeto que eles estão fazendo, não sei, a gente não tem acesso a esse tipo de coisa, mas só pelo visual da coisa a gente está entendendo que tem um grande interesse de melhora, eu acho que é o que ela merece. E que todos façam um jeito que ela emane a oferta que ela tem para o povo, porque ela tem oferta, está precisando mexer alguma coisinha para que saia para o público. Então, eu acho que esse projeto, pelo jeito, não tenho certeza, vai ser bom, eu acho que vai ser bom.

**DP:** De todos os secretários de Cultura, o senhor lembra de visita, eu lembro que a Marilena Chauí foi muito presente, tinha uma relação muito forte com a Biblioteca, o senhor lembra de outros secretários de Cultura que tenham vindo, que tinham uma frequência regular, o senhor lembra de alguma personalidade da Cultura que se mostraram mais atenciosos ao...



**EF:** A secretária que falava muito mesmo era a Marilena Chauí, eu lembro desses políticos, desse pessoal assim, a Suplicy eu cheguei a conhecer pessoalmente aqui. Teve uma época que teve um evento aqui nesse auditório que foi preciso até barrar o pessoal, foi aquele Dias Gomes, aquele homem era famoso, viu! A fila ficou lá na Consolação e aqui já lotado, eu fiquei até com medo.

**DP:** Você lembra quando foi?

**EF:** Não lembro. A gente não marca. Faz muito tempo. Foi muito bonito a palestra que ele deu aqui, nossa! O homem, todo mundo conhecia ele.

**DP:** O senhor costuma frequentar as atividades da Biblioteca, os funcionários têm essa prática de frequentar as palestras, os concertos, de permanecer e ficar nessas atividades de extensão?

**EF:** Ah, sim. Eu sempre me interessei só que é aquele negócio, o que manda muito na gente é o tempo, se você tem uma responsabilidade lá, você não pode ficar aqui. Mas assim que eu tinha oportunidade, que eu estava livre e era um evento bom, com certeza eu ficava.

**DP:** Seu Efigênio, eu gostaria, para terminar, você falou dos filhos, da primeira atividade profissional dos seus filhos, o senhor me falou no café da manhã, eu gostaria que o senhor deixasse aqui registrado o que eles fazem, se eles tinham uma relação com a Biblioteca, se eles têm conhecimento de todo trabalho que o senhor desenvolveu ao longo desses anos...

**EF:** Ah, têm. Meus filhos, tem um que é vendedor aqui na 25 de Março, tem outro que trabalha na *Ri Happy* há uns oito anos e um outro que trabalha na Polícia Militar há sete, oito anos e tem o mais novo que está desempregado. Esse está com 27 anos, está meio difícil de arrumar emprego...

**DP:** Todos eles estudaram?



**EF:** Não chegaram a se formar não, mas eu deixei eles no colegial, todos eles no colegial. E esse que é polícia militar chegou a fazer até o segundo, terceiro ano de física, mas é aquele negócio, a faculdade começou a aumentar muito daí não teve condição, eu até queria pagar, mas ele esmoreceu: “Oh, pai, está subindo, aumentando muito, não está dando”, daí parou. E esse mais novo meu estava fazendo processamento de dados, mas ele cismou de parar de estudar, então ficou meio difícil, quando não quer... daí ficou só com o colegial, ficou só no colegial, mas ele é inteligente também, prestou concurso, está prestando sempre concurso, passa quase entrando, mas faltou um pouquinho e não passa. Mas está sempre prestando concurso, tentando para ver se consegue alguma coisa boa.

**DP:** E eles vinham visitar o senhor? Tinham uma relação assim com a Biblioteca?

**EF:** Eles vêm, esse mais novo de vez em quando ele vem aí. Esse que trabalha na 25 de Março, ele vem sempre aqui. O outro, ele trabalha na Pamplona, ele sempre passa por aqui também, mas não é sempre. Ele tem a casa dele, o apartamento dele, então... Um mora aqui perto da Penha, o outro em Itaquera, e às vezes é até difícil eles irem na minha casa, mas sempre estão lá, fazem um esforcinho para ir lá. Nós estamos sempre em conjunto.

**DP:** E a geração deles, o senhor acha que eles tinham uma relação assim com biblioteca, são pessoas que frequentam ou menos, o que é que o senhor acha?

**EF:** Com biblioteca não. Depois que começaram a trabalhar o tempo não dá. O meu mais novo, quando precisa, vem aqui, às vezes ele vem.

**DP:** Então, Seu Efigênio, acho que eu gostaria de finalizar, a gente contemplou uma série de assuntos, foi muito bacana, o senhor nos trouxe muitos elementos. Eu gostaria de saber se o senhor gostaria de deixar registrado mais alguma coisa em relação a sua atividade aqui, em relação a sua história na instituição, agora eu passo a palavra para o senhor, se o senhor achar que é necessário encerrar destacando alguma coisa em especial.



**EF:** Mas sobre assim ... ?

**DP:** Sobre a sua permanência aqui de longa data.

**EF:** Ah, o que eu quero deixar registrado é o seguinte: que estou satisfeito de ter trabalhado tanto tempo com esse pessoal, gostei muito de trabalhar com eles, aprendi muito com eles, minhas chefes e minhas diretoras me ensinaram e eu aprendi muito com elas. Nunca tive de me queixar de ninguém, não posso me queixar de ninguém. Estou me aposentando e estou levando muita saudade e espero que eles pensem bem de mim. Só isso.

**DP:** O senhor vai voltar para a sua barbearia, Seu Efigênio? O senhor não vai parar de trabalhar, não é?

**EF:** Não, é verdade, eu não vou... Eu não tenho esse... Se eu conseguir ter saúde, se Deus me der uma saúde boa, eu não pretendo parar. Eu já tenho alguns projetozinhos na vida, aí.

**DP:** O que o senhor está se programando para fazer quando o senhor tiver mais tempo disponível?

**EF:** Eu tenho algumas coisinhas para fazer na vida, preparar uma coisinha a mais para deixar para a família. Então, se eu tiver um pouco de saúde, eu quero estar... Eu tenho algumas coisinhas aí que depende de tempo e depois que aposenta a gente tem esse tempo para terminar alguma coisinha que tinha para fazer e deixando tudo em dia porque a coisa já está muito difícil. Então a gente procura deixar as coisas que a gente tem tudo em dia para não dar tanto trabalho para quem fica. Às vezes é igual aquele tipo de coisa, você vai dar uma coisa para a pessoa, você não vai dar faltando um zíper, faltando um botão, então você dá arrumadinho porque às vezes a pessoa não pode comprar o zíper para pôr. Então é aquele tipo de coisa: a gente tem que deixar arrumadinho porque a coisa está muito difícil.



Então a gente deixando em dia, eles vão partir para fazer outra coisa, o que eles fizeram para a frente é lucro.

Eu agradeço também a você muito a oportunidade. E gostaria de estar recebendo um volume desse vídeo de presente. É uma lembrança, uma lembrança muito forte.

**DP:** Eu agradeço muito. Nós vamos providenciar uma cópia.

**EF:** Eu agradeço muito a oportunidade que vocês me deram, de estar dialogando e passando essa experiência. Para mim foi uma satisfação muito grande. E uma outra coisa que eu quero falar é que a direção desta Biblioteca toda vida teve muita boa vontade também, mas a gente sabe como é, a coisa não é tão fácil assim, não é? Todos entram aqui com aquela vontade e uma hora as coisas têm que dar certo porque esta casa aqui merece e o povo do nosso mundo – porque aqui não vem gente só aqui de São Paulo não, esta biblioteca é quase mundial, tem gente que vem de lá do exterior, agora não cheguei a ver porque não estou lidando com o público, mas vem especialmente para conhecer a Biblioteca. Então eu deixo registrado isso aí, ela merece coisa muito boa, muito boa e muito boa.

**DP:** Obrigada, Seu Efigênio. Eu agradeço a generosidade, a gentileza e o seu empenho para com a Biblioteca ao longo desses trinta anos.

**EF:** E eu espero que, se eu falei alguma coisa de... porque isso aqui é uma coisa que vai ficar na mão de todo mundo. Se eu falei alguma coisa demais de colega, me desculpe, mas eu não cheguei a falar nada assim de...

**DP:** Muito bom! Obrigada!

